



[RESIDENCIAL](#) | [EDIFÍCIOS](#) | [INTERIORES](#) | [URBANISMO](#) | [DESIGN](#) | [SUSTENTABILIDADE](#) | [TECNOLOGIA](#) | [ENTREVISTAS](#) | [ARTIGOS](#) | **[AU EDUCAÇÃO](#)**
[Assuntos em destaque](#) | [Catálogo](#) | [Como especificar](#) | [Notícias da PINIWeb](#) | [Salário dos arquitetos de edificações](#)

Publicidade

Entrevista

Erminia Maricato

É preciso repensar o modelo

Para a arquiteta e ex-ministra-adjunta das Cidades, programas como Minha Casa, Minha Vida são bem-vindos para combater o déficit habitacional, mas repetem erros do passado

POR ROSA SYMANSKI E ALBERTO MAWAKDIYE FOTO MARCELO SCANDAROLI

Edição 186 - Setembro/2009

Com uma rica e vasta experiência na área de planejamento urbano e habitação popular - foi ela, por exemplo, quem formulou a proposta de criação do Ministério das Cidades, do qual foi ministra-adjunta entre 2003 e 2005 -, a arquiteta Erminia Maricato viu com bons olhos o anúncio do programa Minha Casa, Minha Vida, lançado no último mês de março pelo Governo Federal. O objetivo do programa é construir um milhão de moradias e criar empregos de modo a reduzir o impacto da crise econômica sobre a classe trabalhadora.

Mas Ermínia também se confessa preocupada com alguns aspectos do programa - por exemplo, a localização e o tamanho dos conjuntos. "Nós, urbanistas, gostaríamos que Minha Casa, Minha Vida se constituísse de conjuntos de menor porte, inseridos na malha urbana, que trabalhasse na recuperação de edifícios vazios e aproveitasse terrenos contíguos ao tecido urbano, no centro das cidades", diz. "Mas a impressão que me dá é que vai sair muito empreendimento de grande porte."

A arquiteta faz duras críticas aos grandes conjuntos habitacionais implantados longe das regiões centrais, ou até fora das cidades, acarretando sofrimento para os moradores e toda sorte de deseconomias para o poder público. Para ela, trata-se de um tipo de empreendimento que, além de não levar em conta o bem-estar da população, tampouco considera a moderna tendência do urbanismo pelo adensamento das cidades.

"O planejamento urbano decerto existe no Brasil. Mas se fosse eficaz, não teríamos tanta gente ocupando encosta, área de proteção ambiental, de mananciais, mangues etc. A minha preocupação é desmistificar esse tipo de planejamento", afirma.

Além do seu trabalho incansável na área de habitação popular (ela também foi secretária de Habitação e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo entre 1989 e 1992), Erminia é professora da FAU-USP e uma solicitada conferencista.

A seguir, trechos da entrevista.



Últimas Notícias

Mais Lidas

Agenda

Semana Design Rio reunirá nesta semana alguns dos principais profissionais do design brasileiro

Design

Pavilhão projetado para a Olimpíada tem fachada que se move conforme o ritmo da música

Edifícios

ArqBr Arquitetura e Urbanismo vence concurso da Codhab-DF para projeto de conjunto habitacional em Sobradinho, Brasília

Agenda

Prêmio Oscar Niemeyer reconhecerá projetos na América Latina e no Caribe

Urbanismo

Cinco brasileiros são finalistas do Prêmio Latino-americano de Arquitetura Rogelio Salmons

Publicidade

Revista

Aplicativo



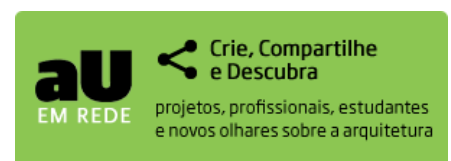
Edição Atual

Edições Anteriores

Folheie

Assine

Comprar Edições



O programa Minha Casa, Minha Vida foi lançado em março deste ano pelo Governo Federal como uma ferramenta para reduzir o enorme déficit habitacional brasileiro, estimado em pouco mais de sete milhões de moradias. A expectativa do programa é de que sejam construídas um milhão de habitações populares - uma meta ambiciosa, sem dúvida, mas restariam ainda seis milhões para que o déficit fosse zerado. De verdade: será que um dia o Brasil vai conseguir dar conta desse déficit?

Acho que a tendência do déficit habitacional é diminuir. Não tenho dúvida disso. Já poderia estar menor se o estado não tivesse passado tanto tempo sem investir, na onda do neoliberalismo. O número de favelas disparou nas últimas décadas. O crescimento da população brasileira entre 1980 e 1990 foi abaixo de 2%, mas o das favelas foi acima de 6%. Entre 1990 e 2000, a população brasileira cresceu 1,4%, e a das favelas mais de 4%. Então todo investimento que ataque de frente esse déficit será bem-vindo. Ele é tão gigantesco que é preciso fazer o máximo que der. E o programa Minha Casa, Minha Vida tem uma faceta interessante. Por causa da crise financeira, o Brasil teve um rombo terrível no nível de emprego no final do ano passado. E o programa pretende contribuir para reverter essa queda. É uma medida que merece aplausos. Os Estados Unidos estão em enorme crise com 9,1% de desemprego. Mas na cidade de São Paulo nós já chegamos a 18%.

Mas não estaria faltando ao programa certa visão de longo prazo?

Não é esse o caso. Hoje, afinal, o Brasil tem um Plano Nacional de Habitação, que trabalha com um cenário para 20 anos. A meu ver, o que falta para Minha Casa, Minha Vida é o que sempre faltou na maioria dos programas habitacionais brasileiros: uma visão mais estrutural do que deve ser esse combate ao déficit. O combate ao déficit não pode se resumir apenas aos números. E desde os tempos do Banco Nacional da Habitação, o BNH, que foi criado pelos militares na década de 1960, a questão habitacional no Brasil foi quase sempre tratada como meramente quantitativa, e o sucesso ou fracasso dos programas medido pelo número de unidades construídas. É óbvio que deveria ter outros fatores envolvidos, como a maior articulação deles com políticas urbanas e sociais.

Os programas seriam demasiadamente estanques.

Sim, e, por causa disso, muitas vezes trouxeram grandes prejuízos para as cidades. Há no Brasil conjuntos habitacionais com localização tão distante e inadequada que não apenas colocaram os moradores em uma condição de sofrimento, como criaram uma série de deseconomias urbanas. Quando se instala um conjunto fora da cidade, é preciso levar a cidade até o conjunto. É uma condição de deseconomia e de insustentabilidade, que no mínimo gera muitas viagens. O contrário do que o urbanismo atualmente preconiza. Hoje, o que se busca é uma cidade mais compacta, com agricultura no entorno, parques. Uma cidade compacta também pressupõe que as pessoas possam fazer parte de suas viagens a pé. Muita gente na periferia de São Paulo, por exemplo, faz viagens a pé - na verdade, um terço das viagens nas regiões metropolitanas brasileiras são feitas dessa forma. Mas apenas porque essas pessoas não têm dinheiro e o transporte é péssimo.

Elas são obrigadas a caminhar.

E o problema não está somente na habitação e no transporte. Nós recebemos uma cidade em ruínas depois de 25 anos de neoliberalismo no setor público. Durante esse período também não houve investimento em saneamento, saúde, educação, coleta e destinação de lixo, cultura e lazer. É impossível desvincular o déficit habitacional de todos esses déficits. Todos eles fazem parte de um mesmo contexto e por isso deveriam ser tratados de forma conjunta, estruturada. Mas o que se viu, ao longo da história recente, foram apenas pessoas sendo colocadas fora da cidade e em não-cidades, em lugares que não passam de depósitos de gente.

O paradigma é a Cidade de Deus, que ficou famosa por ter chegado ao cinema. Mas há centenas de outros exemplos. A existência dessas não-cidades é ruim para todo mundo. Depósitos de gente. Seja um gueto de pessoas homogeneamente pobres, seja um gueto de ricos, sempre dão origem a patologias: formação de gangues, tráfico de drogas, adolescentes endinheirados avessos a qualquer sentimento de solidariedade humana, de respeito à coletividade.

O que se consolidou também nessa concepção foi a cultura patrimonialista brasileira, essa trágica herança histórica que temos de carregar. Nas cidades brasileiras, quem pode ser dono da terra, o

DESTAQUES DA LOJA PINI



Manual de avaliações e perícias em imóveis urbanos
Impresso

Newsletter aU

Cadastre-se e escolha os informes gratuitos

Acesse e configure seus recebimentos

Aplicativos



Agenda

[Ver Mais](#)

31/08/2016
Programa Mestre ArcelorMittal

31/08/2016
Seminário Internacional de Proteção Passiva Contra Incêndios

01/09/2016
Programa Mestre ArcelorMittal

02/09/2016
Programa Mestre ArcelorMittal

DE 05/08/2016 A 03/09/2016
Mostra FGMF: Arquitetura Contemporânea Brasileira



Revista AU (Editora PI...
90.728 curtidas

[Curtir Página](#) [Comprar agora](#)

Seja o primeiro de seus amigos a curtir isso.

é; os pobres têm de ser mantidos longe até mesmo porque a sua presença desvalorizava o entorno e rebaixa o valor dos imóveis. É uma perversão que se retroalimenta, e explica também essa falta de um planejamento mais global para a habitação popular. Afinal, para tanto, os espaços teriam de ser minimamente democratizados, mesclados, e os serviços e a infraestrutura melhor distribuídos. Muita gente no Brasil é contra.

PÁGINAS :: 1 | 2 | [Próxima >>](#)

Veja também

Construção Mercado ::
11/08/16

Governo reafirma retomada de obras da faixa 1 do Minha Casa Minha Vida

Construção Mercado ::
01/08/16

Minha Casa Minha Vida deve entregar três milhões de unidades até o fim do ano, afirma Caixa Econômica Federal

aU - Arquitetura e Urbanismo ::
23/08/16

Concurso da Codhab-DF vai selecionar projeto para unidades habitacionais em Ceilândia

aU - Arquitetura e Urbanismo ::
04/08/16

CAU destinará parte da receita para assistência técnica em habitações de interesse social

0 comentários

Classificar por [Mais antigos](#)



Adicionar um comentário...

[Facebook Comments Plugin](#)

TCPOWEB
PREÇOS PINI

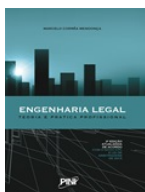
Consulte os milhares de preços de referência para insumos e serviços pesquisados pela PINI

Digite sua busca...

Publicidade

Loja Pini

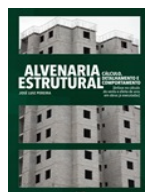
Assinaturas



Engenharia Legal:
Teoria e Prática
Profissional 3 ed
Impresso
R\$ 75,00



Coleção Construção
Passo-a-Passo -
Volumes 1 a 4
Impresso
R\$ 440,00
em 4x de
R\$ 110,00



Alvenaria Estrutural
- Cálculo,
Detalhamento e
Comportamento
Impresso
R\$ 95,00
em 2x de
R\$ 47,50



Manual de
avaliações e
perícias em imóveis
urbanos
Impresso
R\$ 79,00



Obras Públicas
Impresso
R\$ 156,00
em 3x de
R\$ 52,00



101 regras básicas
para uma
arquitetura de
baixo consumo
energético
Impresso
R\$ 69,00



Archidoodle
Impresso
R\$ 69,00

Ajuda e serviços[Seja nosso Autor](#)[Credenciamento de Professor](#)[Quem Somos](#)[Política de Privacidade](#)**Atendimento**[Para Assinaturas, clique aqui!](#)[Para Livros e Produtos Avulsos, clique aqui!](#)[Demais atendimentos, clique aqui!](#)**Vendas de assinaturas, livros e produtos avulsos** 11 2173 2340 (Grande São Paulo) ou 0800 596 6400 (demais localidades). Segunda a sexta, das 9h às 20h**Software:** Vendas 11 2173 2423 (Grande São Paulo) ou 0800 707 6055 (demais localidades) Suporte: 11 2173 2400. Segunda a sexta, das 9h às 17h[Revistas](#) | [Blogs](#) | [Livros](#) | [TCPO](#) | [Treinamentos](#) | [Serviços Web](#) | [Consultoria](#) | [Sistemas](#) | [Empregos](#) | [Loja](#) | [Assine](#) | [Anuncie](#) | [Sobre nós](#) | [Contato](#)